

O Chão dos Pobres

Desde pequeno que ouvi contar ,em casa de meus avós paternos ,a história do «**Chão dos Pobres** ».

Mais tarde quando recebi do Dr Victor Gomes ,filho de Dinis Gomes ,a oferta dos livros «Costumes e Gentes de Ílhavo» como merecimento de um trabalho escolar sobre «os ílhavos», em que citei seu Pai –que hoje reconheço, mais conscientemente , ter sido um apreciável contador de histórias da sua terra e das suas gentes – contactei mais de perto com a história, que é referida num daqueles volumes .

Muito mais tarde - *cinquenta anos depois* - tive oportunidade de aprofundar a mesma colhendo informação detalhada sobre a família que lhe está na origem.E ,assim, melhor determinar os contornos desse titulo, que, no dizer de Dinis Gomes ,é “*incontestavelmente um titulo lindo e sugestivo ,cheio de perfume e ternura* “ sendo pois útil e necessário evocá-lo aos mais novos , como exemplo de solidariedade, profundamente altruísta na abnegada entrega de essa excelsa figura senhoril ,a D. Maria Benedita de Sousa Queiroz Bizarro , Condessa de Almeidinha .

Vamos à história ...

Em 1828 , o Morgado da Senhora da Nazaré , estava, então, na posse do Visconde Almeidinha , D José Osório do Amaral Sarmento e Vasconcellos - 1º Barão de Almeidinha- Par do Reino (1842), senhor do Morgado do Espírito Santo, Senhor por vínculo da Várzea do Cadoso, Oliveira do Farmão, Mortágua e Tábua, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Comendador da Ordem de Avis, Coronel de Cavalaria.

Era casado com a referida D.Maria Benedita de Sousa Quevedo Pizarro, Senhora do Terreiro em Aveiro e do Morgado da Sr^a da Nazaré em Ílhavo, sobrinha do Capitão

Sousa Pizarro ,que tinha a sua casa, ali, no local onde mais tarde se instalou o Teatro, e posteriormente, o Clube dos Novos.,e que viria a morrer no combate da Cruz dos Morouços, defendendo as cores Liberais.



O Morgado da Srª da Nazaré

O Morgado era uma das muitas propriedades desta família ,uma das mais abastadas da Coroa ,senhores do Palacete sito no Largo do Terreiro em Aveiro ,e também, da Quinta da Srª das Dores em Verdemilho, para lá dos vínculos referidos .

Tinha sido a residência no início do Séc XVIII do Capitão Mor de Ílhavo , **João de Sousa Ribeiro** ,alcunhado de «Pai da Pátria» ,pelo grande préstimo concedido às gentes da região quando se disponibilizou para ,inteiramente às suas custas, abrir um rigueirão na Vagueira..Pondo assim termo a uma das maiores crises da história da Laguna (1721),que há muito era causa de um estado generalizado de decadência económica da região, e que apesar de todas as súplicas, a coroa (D.José) com os cofres exauridos não conseguia dar andamento . Com a abertura do referido rigueirão ,as águas da laguna voltaram de novo a tomar vida , por via da nova Barra que durante alguns anos

trouxe movimento ao Porto de Aveiro ,e, desse modo,acarretou um novo impulso à vida económica da região. Por todo o lado foi festejado o autor do feito, e grande benemérito , sendo publicamente louvado em grandes ossanas o seu altruísmo ,e escritas odes exaltadas à notável obra que a todos trouxe benefício .

O palacete com Capela privativa, tinha sido obra de Domingos André cujos proventos tinham sido ganhos como emigrante no Brasil, e situa-se - pois hoje ainda é patente ao local da actual Biblioteca Municipal - em Alqueidão .Lugar ao tempo distante (?) da Vila ,mas singularmente escolhido para a edificação das casas de maior posse das gentes do povoado , provavelmente pelos encantos do sítio alcandorado sobre a laguna , com longínquas vistas sobre os cones alvos de sal que já então povoavam o charco lagunar, mas e também por ser dos poucos lugares enxutos da zona ,provavelmente o mais saudável do agregado populacional. Não sendo lugar de gentes estranhas , tinha uma certa liberdade de gestão ,guardadas as distâncias que levavam ao dito “de vamos à vila” sempre que se impunha uma descida ao povoado, feito lá a nascente, pela calçadinha da matriz. Só em 1837,Alqueidão seria , definitivamente integrado, na posse administrativa da Vila.

A D Maria Benedita ,fidalga de porte “senhoril e distinto” era uma alma bondosa e caridosa .O que lhe conferia um reconhecimento generalizado das gentes necessitados – marnotos, pescadores da laguna e saveiros - que nos esconsos tugúrios disseminados pelo arabesco dos becos que despejavam na via principal de ligação ao povoado , se acolhiam com os seus . À Capela com padre privativo ,acorriam assiduamente, reconfortando a alma, que a vida era já penitência dolorosa ,aproveitando um ror de vezes a distribuição de esmolas e alguns bens , estendidos pelos benfeitores aos mais carentes, acudindo-lhes , assim, às prementes necessidades, sempre que um ou outro acaso da sorte ,tornava o fardo ainda mais difícil de carregar,do já era habitual naquelas gentes .

Em meados do século de novo ,surto de maleita infecciosa ,propagava-se com assinalada dureza sobre aquelas gentes ,que desprotegidas e mal alimentadas, sucumbiam com uma intensidade incontrolada ,tipo

pandémica , que ceifava ,principalmente os mais idosos e as crianças .De pouco a medicina de então podia fazer por aqueles infelizes .Os médicos de Partido bem se esforçavam ,tentando estancar o avanço angustioso e indiscriminado da *gadanha* .Sem poderes da ciência ,suficientes para acudir à gentiaga ,pouco mais lhes sobrava do que aconselhar o mínimo de actos higiénicos para precaução contra transmissão , no cuidado no isolamento dos doentes ,a que acrescia a necessidade de agasalho e ingestão de algumas vitualhas mais reconfortantes e sadias .Cuidados que à maior parte daquela gentes era impossível de cumprir ,por escassez de posses.

Será pois nesse doloroso desiderato, momento de grande sofrimento e angustia , que emerge em verdadeira dimensão ,a abnegação da Baronesa ,que humilde ,sem olhar a perigos ou temores ,de casa em casa ,diariamente acompanhada pela criadagem ,leva o agasalho e o alimento necessário e, por vezes, o conforto de uma ablução ,a que a senhora dum modo caridoso não se esquivava de ,ela mesmo, praticar piedosamente .

E entregando-se à exaltação da fé , ao poder místico do Alto ,de joelhos prostrada no altar da sua Capela ,promete à Sr^a das Neves ,orago padroeira em quem depositava créditos infindos ,que, se por sua intersecção ,do Alto viesse cura milagrosa ,libertadora do flagelo ,ela daria o melhor do seu «**chão**» ,o mais produtivo das suas posses, á Igreja ,para que o usufruto do mesmo fosse, anualmente, distribuído pelos pobres .

E vá lá saber-se se de facto a Sr^a das Neves estava atenta e predisposta ; certo é ,porém, que a Baronesas merecia a recompensa pelo amor demonstrado ao próximo naquela aflitiva provação .Ora sucedeu que as pestilentas doenças abrandaram as sua fúria assassina e a vida voltou à normalidade .

A Baronesa ,fiel à sua palavra fez então a doação à Matriz da **marinha da Romelha** ,cujo rendimento ,no decorrer dos anos e durante largo período ,foi distribuído aos mais necessitados.

Daí resultou designar-se aquele Chão ,o «**Chão dos Pobres**».

O 1º Visconde de Almeidinha – Lutador insigne da causa Liberal

Do casamento da Baronesa com O Visconde de Almeidinha , viria o casal ilustre a ter um filho ,**João Carlos do Amaral Osório de Sousa Pizarro**, de seu nome ,nascido em Lisboa em 13.03.1822, tendo sido seu padrinho de baptismo, **S.A.R., o Rei D.JoãoVI**.

Foi 1º Visconde de Almeidinha por direito (20.12.1865) e carta de 25.12.1865, e 2º Barão de Almeidinha por carta de 15.02.1853.

Sucedeu a seus Pais ,tendo sido Par do Reino por carta de 05.03.1853, Fidalgo da Casa Real, Grã Cruz da Ordem de Isabel a Católica (Espanha) e Governador Civil de Coimbra. Deputado às Cortes.

Em 1847 organiza um Batalhão a expensas suas para combater na Patuleia, comandando-o , acompanhando por Alberto Pinto Basto, Batalhão que ficou conhecido pelo Batalhão dos Artistas da Vista Alegre ,o qual teve um comportamento exemplar em Val-de Passos (Valpaços),e que em consequência do mesmo , lhe foi concedido o Titulo de Barão de Almeidinha , e atribuídas ao referido Batalhão ,duas Medalhas da Ordem da Torre e Espada da Lealdade e Mérito .

Foi distinto cavaleiro Tauromáquico. Casou em primeiras núpcias com uma prima, co-irmã de sua Mãe e, posteriormente com D.Vitória Catalã de Ascêncio e Domecq.

Morreu em 13.03.1890, por curiosidade no dia em que deveria assinar o decreto que o nomeava Governador Civil de Aveiro.

Família pois ilustre ;das maiores do Reino.

Que tinha em sua Mãe ,um exemplo de abnegada entrega ,de subido amor pelo próximo ,e dádiva, na abertura de “mão caridosa”.Entregou

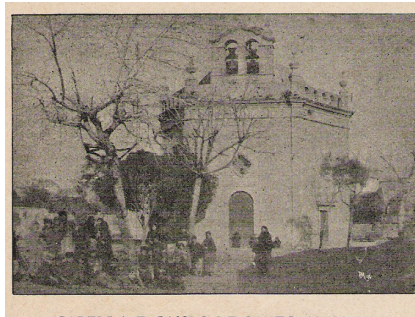
o «seu chão» para que dele nascesse sustento ,pão abençoado, dádiva perene com que mitigou a fome a muitos necessitados desta terra.

SF

2007

OUTRO CHÃO

Muitas vezes ouvi referido ,como o local designado o Chão dos Pobres ,o terrado contíguo à Capela das Almas .no local onde o Prior João martins intentava construir um Hospital de que apenas começaria uns muros que durante muito tempo por ali se viram.



Capela das Almas

Aproveitando a freguesia da Capela das Almas ,por ali se dispunham muitos mendigos ,sem outro recurso que não fosse o de estender a mão à caridade das gentes ,evocando-lhes a dádiva como prece das Alminhas da Toura .

Ora a esse terreiro ,descia muitas vezes outra grande benemérita de Ílhavo ,a D.Henriqueta Maia Alcoforado ,filha de Maia Alcoforado um dos mais ilustres intelectuais desta Terra ,cujos trabalhos académicos ainda hoje servem de referência .A D Henriqueta que habitava o palacete da Família ,ali também em Alqueidão ,e que hoje é propriedade d Rito ,era casada com outro ilustre ilhavense o Dr.Frederico da Cerveira ,que foi presidente da Câmara (tendo sido no seu mandato realizadas grandes melhorias na vila ,entre outras a estrada Ílhavo- Costa Nova ,Matadouro etc) e que era ele mesmo grande benemérito, também .Anualmente abria os portões de sua casa oferecendo um bodo aos pobres de Alqueidão ,com o que de melhor havia .

A sua esposa,D.Henriqueta vinha ,assiduamente ,com uma saca de esmolas e fazia a distribuição por aquelas gentes ali postadas no terreiro das Almas ,distribuindo-lhes ainda agasalhos e outra prebendas .

Foi esta Senhora ,que tendo alienado a área onde hoje se encontra o Jardim de seu nome ,recomprou a mesma ,para depois a oferecer à Câmara ,para esta ,aí, edificar o Jardim referido .

Assim ,foi comum associar aquele terreiro à história anterior ,e designado por isso ,ele também ,o «Chão dos Pobres»